

INTERGERACIONALIDADE: REFLEXÕES SOBRE POSSIBILIDADES QUE FACILITEM A CONVIVÊNCIA ENTRE PESSOAS IDOSAS E ADULTOS JOVENS

Cirlene Francisca Sales da Silva ¹
Cristina Maria de Souza Brito Dias ²
Erideise Gurgel da Costa ³
Daniely da Silva Dias Vilela ⁴

RESUMO

As dificuldades de relacionamento entre as gerações de idosos e jovens motivou a realização do presente estudo, que teve como objetivos investigar e descrever possibilidades de intervenções que facilitem a convivência entre idosos e adultos jovens da mesma família. O método de pesquisa utilizado foi o qualitativo, de coorte transversal e com uma amostra por conveniência. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário sociodemográfico e de uma entrevista através do Grupo Focal. Participaram sete idosos (as) com idades entre 62 e 69 anos, e cinco adultos jovens com idades entre 22 e 28 anos, sendo eles três netos (as), dois sobrinhos(as), três avós, três tios(as) e uma mãe. Os resultados foram analisados através da técnica de análise de conteúdo temática e demonstraram como principais possibilidades para facilitar a relação: o adulto jovem priorizar um tempo para dedicar às pessoas idosas, como também, a realização de um processo de conscientização desde a infância sobre o envelhecimento e a importância do relacionamento intergeracional.

Palavras-chave: Intergeracionalidade, Idoso, Adulto Jovem.

INTRODUÇÃO

Compreende-se que o modo contemporâneo de viver, com suas demandas cruéis e devastadoras tem provocado um distanciamento entre as gerações de idosos e jovens (CÔRTE; FERRIGNO, 2016; FERRIGNO, 2006; MORAL JIMÉNEZ, 2017; OLIVEIRA, 2017). Mais especificamente, Miranda (2013) propõe, que esse distanciamento é um fenômeno da contemporaneidade, provocado por uma sociedade que estabelece uma série de espaços “exclusivos” para atender às diferentes faixas etárias. Argumenta ainda que a família, que sempre foi lugar privilegiado ao propiciar relações intergeracionais, passou por mudanças

¹Profª Drª em Psicologia Clínica - Universidade Católica de Pernambuco, cirlene.silva@unicap.br;

²Profª Drª em Psicologia Clínica - Universidade Católica de Pernambuco, cristina.msbd@gmail.com;

³Profª Drª em Otorrinolaringologia - Universidade Católica de Pernambuco, erideise.costa@unicap.br;

⁴Mestranda em Psicologia Clínica - Universidade Católica de Pernambuco, danielydiasvilela@gmail.com.

Este estudo faz parte da tese de doutorado da primeira autora. A pesquisa foi financiada pela CAPES.

importantes em sua estrutura e que, conseqüentemente, o menor convívio entre as gerações poderá resultar no desconhecimento mútuo.

Assim, complementa o autor supracitado, que o distanciamento reforça estereótipos que impedem a aproximação entre as pessoas. Por essa razão, ele ressalta que nossa cultura está impregnada pelos conflitos geracionais e pelo preconceito etário, nomeado como idadismo (COUTO; MARQUES, 2016) ou ageísmo (*ageism* em inglês). Esse último termo foi introduzido por Robert Butler (1969) e inclui preconceitos (avaliações negativas), estereótipos (crenças) e comportamentos de discriminação (ex: exclusão). Por conseguinte, o idadismo faz parte do imaginário social, que confere aos jovens qualidades como força e atividade, e reserva aos idosos as perdas e as carências, assim como a fragilidade e a passividade (MIRANDA, 2013). Essas concepções podem perpassar as relações entre as gerações de forma prejudicial, dificultando, assim, a interação entre elas. Nesse sentido, a presente pesquisa objetivou investigar e descrever possibilidades de intervenções que facilitem a relação entre idosos e adultos jovens da mesma família.

METODOLOGIA

O método qualitativo foi o selecionado para realizar a pesquisa. Ele responde a questões muito particulares uma vez que trabalha com “o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2008, P. 21). Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. Trata-se do universo da produção humana que pode ser resumido ao mundo das relações, das representações e da intencionalidade. Ele se aplica “ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam” (MINAYO, 2014, p.57).

Participantes

Foram convidados 12 idosos e 12 adultos jovens, que tinham relação de parentesco, considerando-se a família nuclear, a extensa e a abrangente (que inclui pessoas que não são parentes, mas que mantêm vínculos afetivos) (OSÓRIO, 2013). Todos os participantes tinham vários parentes idosos e jovens na família, porém afirmaram ter uma proximidade especial

com um e, assim, foram formadas as díades. Não foram controladas as variáveis: sexo, camada social, religião, estado civil, profissão e escolaridade. No entanto, no que se refere aos idosos, foram observadas suas condições cognitivas para participarem do grupo.

Devido a situações adversas (tempo, trabalho, enfermidade, surgimento de outro compromisso, entre outras) somente 12 fizeram parte da pesquisa, sendo eles três netos (as), dois sobrinhos (as), três avós, três tios (as) e uma mãe. Foram utilizados nomes fictícios para preservação de suas identidades. No caso das duplas participantes, elas serão identificadas pela mesma letra do alfabeto.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico: para o idoso e o adulto jovem, composto de informações sobre os participantes tais como idade, sexo, escolaridade, classe social, estado civil, religião, profissão e grau de parentesco.

Grupo Focal: de acordo com Borges e Santos (2005), o Grupo Focal é uma das várias modalidades disponíveis de entrevista grupal e/ou grupo de discussão (norteadas por questões disparadoras). Os participantes dialogam sobre um tema particular, ao receberem estímulos apropriados para o debate. Kind (2004) afirma que esse instrumento possibilita ao pesquisador ouvir vários sujeitos ao mesmo tempo, além de poder observar as interações características do processo grupal. Tem como objetivo obter uma variedade de informações sobre sentimentos, experiências, representações de pequenos grupos acerca de um determinado tema.

Segundo Minayo (2014), o Grupo Focal se constitui num tipo de entrevista ou conversa em grupos pequenos e homogêneos. “Visa a obter informações, aprofundando a interação entre os participantes, seja para gerar consenso, seja para explicar divergências” (p. 269). O valor principal dessa técnica fundamenta-se na capacidade humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos (KRUEGER, 1988).

Para operacionalização do grupo focal, este deve ser composto por, no mínimo, seis e, no máximo, quinze pessoas, com tempo médio de duração de noventa minutos (NOGUEIRA-MARTINS; BOGUS, 2004). Segundo Gatti (2005), grupos maiores limitam a participação, as oportunidades de trocas de ideias e elaborações, o aprofundamento no tema e nos registros dos dados. O referido autor refere que o sucesso da coleta de dados depende muito do moderador do grupo: esse deve oferecer informações que deixem os participantes à vontade,

informando-os o que deles se espera, qual será a rotina da reunião e a duração do encontro. Assim, devem ser explicados os objetivos do encontro, a forma de registro, a anuência dos participantes, a garantia de sigilo dos registros e dos nomes. Nesse sentido, é imprescindível deixar claro que todas as informações interessam e que não há certo ou errado nas opiniões emitidas, pois a discussão é totalmente aberta em torno do tema proposto e qualquer tipo de reflexão e contribuição é importante para a pesquisa. Quanto à frequência, poderá ser realizado em um ou mais encontros, de acordo com a intenção da pesquisa.

Procedimento de coleta dos dados

Inicialmente, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética sob o número de parecer 1.947.588, em 02 de março de 2017, e então a primeira pesquisadora iniciou a pesquisa de campo, que se estendeu de 03 de março de 2017 a 30 de julho do mesmo ano. Por ser uma amostra por conveniência, os adultos jovens e idosos foram indicados por pessoas do conhecimento da pesquisadora. O convite foi feito aos participantes individualmente. Ao aceitar participar, foi agendado com cada um individualmente o encontro. No dia, hora e local marcado, o participante foi convidado a ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, estando de acordo, assinou-o. Em seguida, responderam, individualmente, ao Questionário sociodemográfico, de forma oral.

Posteriormente, foram convidados a participar também do Grupo Focal, que aconteceu em outro momento, num único encontro. O tempo de duração da sessão foi de uma hora e vinte minutos. Na ocasião, responderam a uma pergunta disparadora que foi elaborada a partir dos objetivos da pesquisa, elencada a seguir: Na percepção de vocês, o que pode ser feito para melhorar a relação entre idosos e adultos jovens da mesma família?

A realização do grupo aconteceu em um local adequado para a pesquisa, que era de melhor acesso para todos os participantes, localizado na cidade do Recife/PE. Foi enfatizada a garantia do sigilo das informações. Todos os participantes foram informados da filmagem, gravação de suas falas e da anotação e transcrição dos conteúdos.

Procedimento de análise dos dados

O procedimento de análise adotado na pesquisa foi a *Análise de conteúdo Temática*. Ela nos remete à noção de *tema*, que está ligada a uma afirmação a respeito de determinado assunto. Ela comporta um feixe de relações e pode ser graficamente apresentada através de uma palavra, de uma frase, de um resumo. Consiste em descobrir os *núcleos de sentido* que

compõem uma comunicação, cuja *presença* ou *frequência* signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado. Operacionalmente, a análise temática desdobra-se em três fases, ou seja, a 1ª etapa: *pré-análise* (composta de leitura flutuante, constituição do *corpus* e formulação de hipóteses); 2ª etapa: *exploração do material* (consiste em encontrar as categorias de análise) e 3ª etapa: *análise e interpretação do material* (MINAYO, 2014, p. 315-318).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, serão discutidos os principais dados obtidos na pesquisa, os quais serão apresentados em dois momentos: as características sociodemográficas dos participantes e os eixos temáticos selecionados a partir dos objetivos específicos.

Perfil sociodemográfico dos participantes idosos e dos adultos jovens

Participaram do grupo focal sete idosos e cinco adultos jovens sobressaindo-se os parentes de vinculação paterna, com predominância do relacionamento avós-netos (as), seguidos por tios(as)-sobrinhos (as), dentre outros pontos importantes discutidos a seguir:

1) A participação de somente uma pessoa idosa do sexo masculino, sendo a maioria mulheres. Talvez essa ocorrência possa ser resultante do fenômeno da *feminilização da velhice*, que consiste na maior presença relativa de mulheres na população idosa e maior longevidade das mulheres em comparação com os homens (IBGE, 2018; NERI, 2008; PAPALIA; FELDMAN, 2013). Por outro lado, por vezes, os homens se integram menos na vida social e eventos dessa natureza (CAMARANO; KANSO; FERNANDES, 2016; PAPALIA; FELDMAN, 2013).

2) Parentesco para além dos laços consanguíneos: no caso do adulto jovem (Adalf), escolher uma avó por afinidade (Ana), mesmo tendo vários idosos na própria família. Trata-se de um tipo de constituição em que os membros compõem a denominada família abrangente, que se caracteriza não pelos laços de consanguinidade, mas pela vinculação afetiva (CARTER; MCGOLDRICK, 2007; NEVES, 2015; OSÓRIO, 2013).

3) A maioria foi constituída por díades de avós-netos(as), seguidas das de tios(as) e sobrinhos(as). Este achado corrobora o que a literatura apresenta sobre o vínculo de proximidade entre avós e netos(as). A esse respeito, Oliveira (2015), em sua pesquisa, afirmou que os netos, à unanimidade, disseram que os avós foram e continuam sendo pessoas muito significativas em suas vidas, talvez, por esse motivo, justifique-se a escolha pelos avós.

A segunda posição de escolha foi constituída pelo grupo formado por díades tio(as)-sobrinhos(as). Silva (2018, p.5) ressalta a importância dos tios (as) na vida dos sobrinhos e vice-versa. A autora supõe que as mulheres na posição de tias, venham a assumir o lugar dos pais, tanto quanto a ajuda para a subsistência de sobrinhos, como também incentivando-os “a ver, na educação, o caminho para superar as mazelas de uma sociedade capitalista, além da aquisição de conhecimentos”. A autora supracitada propõe que com as famílias cada vez menores, os tios vêm ocupando o papel de pais-reserva, nas horas necessárias. Ressalta, ainda, que a ajuda dos tios vai muito além da ajuda financeira, sendo a proximidade afetiva o mais importante. Rabinovich, Moreira e Franco (2012) e Rabinovich, Franco e Moreira (2012) fazem referência aos tios e tias como membros que contribuem para o funcionamento familiar, manutenção de um ambiente agradável e preservação das relações familiares. Talvez por esses fatores os tios-tias foram os mais escolhidos depois dos avós.

1) A maior parte dos participantes escolheu idosos ou adultos jovens com quem tinham vinculação paterna, resultado que corrobora os achados de Oliveira (2015). É possível que esse fenômeno ocorra, atualmente, devido à maior participação dos pais na vida dos filhos. Acerca desse fato, Silva e Piccinini (2007) referem que as crenças e as expectativas sobre o papel do pai na criação dos filhos sofreram uma grande transformação nas últimas décadas. Eles apontam o maior envolvimento paterno com os filhos e, conseqüentemente, o envolvimento com os parentes de vinculação paterna também se aprofundou.

2) A maioria dos participantes indicou professar uma religião, apesar de esse item não ter sido critério de inclusão no estudo. Contudo, não se pode negar que a espiritualidade é um elemento organizador do psiquismo humano e ajuda na superação em tempos de crise. Ferreira (2018) corrobora com esse pressuposto ao pontuar que a espiritualidade e a religião são especialmente importantes na vida do indivíduo devido ao seu potencial de proteção ao

estresse. A autora reforça ainda que sua função de prestar auxílio em tempos de crise é sobremodo relevante quando se trata da população de idosos, principalmente, os mais velhos.

Possibilidades de intervenção para facilitar a relação

A maioria dos participantes indicou três possibilidades para facilitar a convivência entre adultos jovens e idosos (as): os adultos jovens dedicarem mais tempo para interagir com o idoso(a), e implantar-se um processo de conscientização contínuo acerca da importância do relacionamento intergeracional entre idosos (as) e adultos jovens. Além disso, reconheceram a necessidade de esclarecimentos sobre o processo de envelhecimento e da velhice, se possível, desde a infância, conforme descrito nas falas a seguir:

Pra melhorar essa relação entre idoso e jovem eu acho que o que precisa é a coisa mais difícil, é tempo ou depois uma consciência, um trabalho de conscientização. A primeira, e maior dificuldade, vai ser tempo. Mas quem vai vencer, talvez ou não talvez, quem vai vencer essa falta de tempo é a consciência [...] Eu acho que deve haver, se houver uma, uma política que venha favorecer essa sua ação, que pelo menos os jovens, hoje eles sejam conscientizados de começar a fazer uma forma, um modelo de família que no futuro haja uma nova consciência (Heron, 67 anos, tio).

Eu concordo, porque a gente sai, discute tanto, e escuta: 'Ah! Eu não tenho tempo não';- 'Ah! porque num sei o quê'. E o tempo, a gente não tem tempo não, a gente faz o tempo, prioriza, tem que ter como foco fazer isso, a gente faz, faz, faz e sobra tempo [...]. O que eu quero falar é conscientizar os jovens. 'Ah, mas não tenho tempo'. Tem, procure tempo que você acha, não precisa você passar o tempo todo, a semana toda lá não. A maioria, como eu já falei, vai na casa de dona Maria, dona Severina, dona Joana, a vida é corrida, é, mas se arrumar um tempinho, corre atrás, acha. Não precisa ser o ano todo não, vá dá uma alegriazinha à dona Maria no aniversário dela. Em dez minutos converse com uma pessoa, vá fazer uma visita para ver se o idoso não vai ficar feliz. Acho que dá pra ter um jeito. Dá pra transformar essa situação. Depende de nós. Pronto, o jeito da gente transformar o mundo, mudar, é mudando a gente, é bom. As coisas começam de casa (Gilca, 69, tia).

Eu sigo a ideia deles todos. Eu acho que uma, eu acho que tudo, né? Você educar, você começar, você ter os seus e começar a educar e mostrar o que você acha que é certo. E eu sei que o mundo, às vezes, acaba meio que educando também, né? Às vezes, não é exatamente, com uma educação correta, mas enfim você, você dá uma base e fazer com que a pessoa entenda que um dia você vai tá assim, você se colocar no lugar de qualquer pessoa acho que te dá uma base um pouco aproximada (Ellen, 28 anos, neta).

Agora imagine uma coisa, nós os jovens ainda não nos conscientizamos dessa situação porque ainda o mundo dos idosos no Brasil é uma coisa muito recente, entende? É agora que a gente tá vendo a gerontologia, as políticas pra idosos, o nome idoso, o nome terceira idade surgindo no vocabulário, pelo menos eu tenho 25 e é de uns três anos pra cá que eu tive noção da grandeza da terceira idade, entendeu? Eu acho que daqui pra frente a conscientização, ela vai ser uma coisa um pouco mais comum para os jovens. Agora, assim, como a política pública não tá tomando precauções para serem realizadas,

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

então o nível de conscientização da população ainda não tá tão grande, principalmente a população jovem. Mas acho que com o passar do tempo, com a política pública brasileira demonstrando mais interesse no envelhecimento, eu acho que vai crescer a visibilidade da terceira idade. [...] (Adalf, 25 anos, neto por afinidade).

No tocante a ter mais tempo para interagir com o idoso, entende-se que as demandas da fase desenvolvimental dos adultos jovens emergentes (estudo, busca de emprego, relacionamento amoroso, entre outras), inviabilizam, de certa forma, uma relação de mais proximidade com o idoso (BERTHOUD; BERGAMI, 2010; PAPALIA; FELDMAN, 2013). Por outro lado, o *Ciberespaço*, para os idosos que têm acesso, pode aproximá-los (TORRES; DIAS, 2017).

Quanto a implantar-se um processo de conscientização contínuo acerca da importância do relacionamento intergeracional, desde a infância, sendo a educação um fator importante para o modo de viver de um povo, Pires (2013, p.295) destaca que, se o Brasil será, em um futuro próximo, um “país de velhos” é importante levar a juventude a compreender o processo de envelhecimento e aceitá-lo, valorizando as experiências dos idosos. Assim, é fundamental a troca de experiências, o aprender com, o ensinar, pois a vida social dos idosos é muito rica.

Também, dentro do processo de conscientização, descortina-se como possibilidade o aprender vivenciado nas práticas intergeracionais. Nesse sentido, as relações entre gerações podem ser otimizadas por meio de iniciativas que levem em consideração o convívio, as trocas de experiências e o reconhecimento do outro como diferente, singular e sujeito portador de direitos, que são possíveis através da reflexão em grupo (SILVA; DIAS, 2016; SILVA; JUNQUEIRA, 2013).

Incluem-se, sobretudo, os programas intergeracionais que têm por objetivo aproximar gerações, quebrar barreiras geracionais, eliminar preconceitos e vencer discriminações, além de proporcionar bem-estar às gerações, entre muitos outros benefícios (CÔRTE; FERRIGNO, 2016; FERRIGNO, 2008, 2010; OLIVEIRA; VILLAS-BOAS; RAMOS, 2017; SÁNCHEZ; TORRANO, 2013). Pode-se pensar também nas intervenções psicoeducativas, que, conforme Silva e Dias (2016), surtem um efeito muito positivo no processo de conscientização.

Por fim, ressaltou-se, e acredita-se ser importante salientar que os jovens também precisam de atenção:

[...] Os jovens precisam de atenção também [...]. (Citrino, 25 anos, neto por afinidade)

Erich Fromm (1995) já afirmava que todo adulto jovem tem necessidade de ajuda, de calor humano e de proteção. Sob muitos aspectos, essas necessidades diferem e, ainda assim, assemelham-se às de uma criança (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Nesse sentido, observa-se a carência também do adulto jovem que foi oportunamente expressa por um participante. Desse modo, todo o caminho percorrido nesta pesquisa mostra a necessidade de se traçar estratégias que venham a contribuir para facilitar o relacionamento intergeracional entre as pessoas idosas e as outras gerações, em que todos serão beneficiados. Assim, a proposta dos programas intergeracionais se constitui, na atualidade, uma das mais exitosas (CÔRTE; FERRIGNO, 2016; ESTATUTO DA JUVENTUDE, 2013; NASCIMENTO, 2008; SÁNCHEZ ; TORRANO, 2013; UNESCO, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou investigar e descrever possibilidades de intervenções que facilitem a relação entre idosos e adultos jovens da mesma família. Nesse sentido, os resultados demonstraram, como principais possibilidades para facilitar a relação: o adulto jovem priorizar um tempo para dedicar às pessoas idosas, bem como a realização de um processo de conscientização contínuo acerca da importância do relacionamento intergeracional entre as duas gerações. Além disso, mencionaram a necessidade de orientação sobre o processo de envelhecimento e da velhice, desde a infância.

Desse modo, em virtude dos limites desse estudo, faz-se importante replicar essa pesquisa, no afã de realizar uma prospecção da sua aplicação empírica para a comunidade científica. Pois compreende-se a necessidade de investimentos no campo teórico e prático que apontem caminhos para promoção de intervenções que facilitem o relacionamento entre pessoas idosas e jovens da mesma família.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**, 2018. Recuperado de <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>
- BERTHOUD, C. M. E., & BERGAMI, N. B. B. Família em fase de aquisição. In C. M. O. Cervený & C. M. E. Berthoud (Orgs.). **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa** (pp. 46-71). São Paulo, SP/Brasil: Casa do Psicólogo, 2010.

- BORGES, C. D. & SANTOS, M. A. Aplicações metodológicas da técnica de grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites. **Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo**, 6(1), 74-80, 2005.
- BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Estatuto da Juventude – Lei Nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Distrito Federal, Brasília/Brasil. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htmBrasil.
- BUTLER, R. **Age-ism: another form of bigotry**. *The gerontologist*, 9, 243-246, 1969.
- CAMARANO, A. A., KANSO, S., & FERNANDES, D. Brasil envelhece antes e pós-PNI. In A. O. Alcântara, A. A. Camarano & K. C. Giacomini (Eds.), **Política Nacional do idoso: velhas e novas questões** (pp. 63-103). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: IPEA, 2016.
- CARTER, B. & MCGOLDRICK, M. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a Terapia Familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Orgs.), **As mudanças no ciclo de vida familiar** (pp. 7-29). Porto Alegre, RS/Brasil: Artes Médicas, 2007.
- CÔRTE, B., & FERRIGNO, J. C. Programas Intergeracionais: estímulo à integração do idoso às demais gerações. In E. V. Freitas & L. P. Y. (Orgs.), **Tratado de Geriatria e Gerontologia** (pp.1526-1534). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Guanabara Koogan, 2016.
- COUTO, M. C. P. P., & MARQUES, S. Atitudes em relação ao envelhecimento: vamos falar sobre o idadismo? In D.V.S Falcão, L. F. Araújo & J. S. Pedroso (Orgs.), **Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar** (pp. 17-32), 2016. Campinas, SP/Brasil: Alínea.
- Deslandes, S. F., Gomes, R., & Minayo, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- Fromm, E. **The sane society**. New York: Rinehart, 1995.
- Ferreira, V. R. P. M. **Espiritualidade e religiosidade como recurso de ajustamento psicológico e de bem-estar de idosos de 80 anos ou mais**, 2018. (Monografia do curso de Especialização em Gerontologia). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE/Brasil.
- Ferrigno, J. C. A coeducação entre gerações. **Revista Brasileira de Educação Física**, 20 (5), 67-69, 2006. Recuperado de <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/>
- Ferrigno, J. C. Apresentação. In C. R. Lima (Org.), **Programas Intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações** (pp.11-13). Campinas, SP/Brasil: Ed. Alínea, 2008.
- Ferrigno, J. C. **Coeducação entre gerações**. São Paulo, SP: SESC, 2010.
- Gatti, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília, DF: Liber Livro Editora, 2005.

- Kind, L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista**, 10(15), 124-136, 2004.
- Krueger, R. A. **Focus Groups: a Practical Guide for Applied Research**. New-Bury Park: Sage, 1998.
- Minayo, M. C. S. **O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, SP: Ed. Hucitec, 2014.
- Minayo, M. C. S. **O principal fator para o suicídio do idoso é o isolamento, a solidão**. GEPeSP entrevista, 2018. Recuperado de [https:// gepesp.org/2018/04/o-principal-fator-para-o-sucidio-do-idoso-e-o-isolamento-a-solidao-gepesp-entrevista-cecilia-minayo/uncategorized](https://gepesp.org/2018/04/o-principal-fator-para-o-sucidio-do-idoso-e-o-isolamento-a-solidao-gepesp-entrevista-cecilia-minayo/uncategorized).
- Miranda, D. S. Um programa para todas as idades. **Caderno Sesc de Cidadania e Intergeracionalidade**, 4(8), 4-13, 2013. Recuperado de www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista
- Moral Jiménez, M. V. Programas intergeneracionales y participación social: la integración de los adultos mayores españoles y latinoamericanos en la comunidad. **Universitas Psychologica**, 16(1), 1-19, 2017.
- Nascimento, A. M. **Aspectos da transição para a vida adulta no Brasil, dos filhos adultos que residem com os pais, segundo a Pesquisa sobre Padrões de Vida 1996-1997**, 2008. Trabalho apresentado no XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 29 de setembro a 03 de outubro de 2008.
- Neri, A. L. **Palavras-chave em gerontologia**. Coleção Velhice e Sociedade. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.
- Neves, S. D. **O casal e as relações de parentesco por afinidade: os sogros**. (Tese de doutorado). Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA/Brasil, 2015.
- Nogueira-Martins, M. C. F., & Bogus, C. M. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. **Saúde e Sociedade**, 13(3), 44-57, 2004.
- Oliveira, A. L. Envelhecimento, apoio social e programas intergeracionais. In **V Congresso A voz dos Avós: Família e Sociedade**, Anais do V Congresso “A voz dos Avós: Família e Sociedade”. Salvador, Bahia, 2017.
- Oliveira, G. C. A. S. **Percepção dos vínculos e relacionamento entre netos adultos e seus avós** (Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE/Brasil, 2015.
- Oliveira, A. L., Villas-Boas, S., & Ramos, M. N. Envelhecimento, apoio social e programas intergeracionais: um estudo sobre atividades de voluntariado. In L.V.C. Moreira, E. P.

- Rabinovich & C. M. S. B. Dias (Orgs), **A voz dos avós: família e sociedade** (pp.259-269). Curitiba/PR/Brasil: Ed. CRV, 2017.
- Osório, L. C. **Como trabalhar com sistemas humanos: grupos, casais e famílias, empresas**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2013.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre/RS: AMGH, 2013.
- Pires, L. L. A. Envelhecimento, tecnologias e juventude: caminhos percorridos por alunos de cursos de informática e seus avós. **Estudos Interdisciplinares e Envelhecimento**, 18(2), 293-309, 2013. Recuperado de <http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/34181>
- Rabinovich, E. P.; Moreira, L. V. C., Franco, A. F. Papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. **Psicologia & Sociedade**, 24(1), 139-149, 2012.
- Rabinovich, E. P.; Franco, A. F.; Moreira, L. V. C. Compreensão do significado de família por estudantes universitários baianos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 12(1), 260-273, 2012.
- Sánchez, M. G., & Torrano, D. H. Los beneficios de los programas intergeneracionales desde la perspectiva de los profesionales. **Pedagogia Social. Revista Interuniversitaria**, 21, 213-235, 2013.
- Silva, C. F. S., & Dias, C. M. S. B. Violência contra idosos: características e enfrentamento. In D.V.S. Falcão, L. F. Araújo & J. S. Pedroso (Orgs.), **Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar** (pp. 209-228). Campinas, SP/Brasil: Alínea, 2016.
- Silva, H. S., & Junqueira, P. G. Reflexões e narrativas (auto)biográficas sobre as relações intergeracionais: resultados de uma intervenção socioeducativa com mulheres idosas. **Psicologia & Sociedade**, 25(3), 559-570, 2013.
- Silva, M. M. L. **A contribuição dos tios na vida escolar dos sobrinhos, em uma escola pública de um bairro da periferia de Salvador** (Dissertação de Mestrado). Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA/Brasil, 2018.
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. **Estudos de Psicologia**, 24(4), 561-573, 2007.
- Torres, K. A., & Dias, C. M. S. B. A relação entre avós, idosos e netos por meio das novas tecnologias de informação e comunicação. In L.V.C. Moreira, E. P. Rabinovich & C. M. S. B. Dias (Orgs), **A voz dos avós: família e sociedade** (pp.133-144). Curitiba/ PR/Brasil: Ed.CRV, 2017.
- UNESCO. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Distrito Federal, Brasília: UNESCO BID, 2002. Recuperado de <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127138por.pdf>